

A ATUAÇÃO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NO CENÁRIO BRASILEIRO DAS DÉCADAS DE 1920 E 1930¹

THE ACTIVITIES OF THE FRENCH MILITARY MISSION IN BRAZIL IN THE DECADES OF THE 1920s AND 1930s

Alfredo de J. Flores²

Alexandre Soares da Silva³

RESUMO: O presente artigo busca apresentar, de forma resumida e genérica, os contextos políticos internos e externos que propiciaram e condicionaram a contratação e a subsequente atuação da Missão Militar Francesa de 1919 no Brasil. Tais fatos e situações já se manifestavam antes, de forma muito clara, ainda na segunda metade do século XIX dentro do contexto nacional. Com a citada Missão, seguiram-se cenários com a produção de efeitos e consequências ao longo das primeiras décadas do século XX, com repercussões na atuação das Forças militares no Brasil daquela época.

Palavras-chave: Missão Militar Francesa (1920-1940); Primeira República; Exército Brasileiro.

ABSTRACT: This article aims to present, in a summarized and general way, the internal and external political contexts that enabled and conditioned the contracting and operation of the French Military Mission of 1919 in Brazil. The preceding facts and situations were already very clear in the second half of the 19th century within the Brazilian context. Following this Mission, scenarios unfolded with effects and consequences throughout the first decades of the 20th century, impacting the actions of the Brazilian military at that time.

Keywords: French Military Mission (1920-1940); First Republic (Brazil); Brazilian Army.

1 INTRODUÇÃO

A “Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro”, assim oficialmente intitulada, teve vigência entre os anos 1920 e 1940. A respeito desta importante

¹ Este texto representa a consolidação de parte das investigações apresentadas em duas edições do Simpósio Nacional de História Militar.

² Alfredo de J. Flores, Doutor em Direito e Filosofia pela *Universitat de València* (Espanha). Professor Titular de Metodologia Jurídica na *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGDir-UFRGS). Membro, *Associação Nacional de História*, Seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS). Membro efetivo, *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* (IHGRGS). Membro correspondente, *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (IHGSP). Membro correspondente (RS), *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB). Associado Correspondente no Brasil (Cadeira 067, Patrono – Emílio Fernandes de Souza Docca, General), *Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* (IGHMB).

³ Alexandre Soares da Silva, Doutor em Direito pelo PPGDir.-UFRGS. Pós-doutorando no PPGDir.-UFRGS. Autor do livro “História diplomática brasileira: a tradição, o legado, Rio Branco e a definição das fronteiras” (Dialética, 2023).

Missão Militar, pode-se dizer que foi firmada e formalizada no dia 8 de setembro de 1919, tendo por objetivo final a modernização do Exército Brasileiro. Isso resulta do cenário de discussão a respeito da situação estrutural e organizacional do Exército nacional, em que havia a constatação de um grande avanço no campo da guerra de posição, observado em particular no grande conflito ocorrido na Europa no início do século XX. Fala-se isso sem se olvidar de outros conflitos de ordem interna que ocorreram no território brasileiro. Logo, deve-se levar em conta um conjunto de fatores anteriores, entre eles a Guerra da Tríplice Aliança e o conflito de Canudos, que envolveram o Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Outrossim, a percepção de uma completa transformação no âmbito da produção bélica das principais potências no plano internacional precisava suscitar uma resposta por parte do Brasil. A Missão Militar Francesa (MMF) buscava reorganizar e suprir a falta de estrutura do Exército Brasileiro ante a possibilidade de fazer frente a um conflito bélico de maiores amplitudes. Também foi marcante o embate entre os germanófilos e os francófilos, que expressavam suas preferências em relação ao modelo de organização militar a ser seguido. Tendo sido firmado o contrato posteriormente, em 1920 chegou ao Brasil o General Maurice Gamelin, que deu início aos trabalhos como chefe da MMF em solo brasileiro.

Conforme já comentado, a MMF atuou no Brasil por pelo menos 20 anos (1920 a 1940), justamente em um momento de presença significativa do Exército no cenário político nacional (pensemos nas Revoluções de 1930 e 1932 como exemplo). Em tais situações, a Missão se notabilizou por um posicionamento que foi mantido por parte dos franceses, no sentido de atuar de forma imparcial ante os conflitos internos da política brasileira, o que representava uma posição muito forte dentro do Exército francês daquele período. Ademais, vale lembrar que o legado da Missão Militar Francesa junto ao Exército Brasileiro tem uma lista considerável de contribuições decisivas tanto para a organização quanto para a estruturação e a profissionalização do Exército, que podem ser constatadas até os dias atuais.

Tendo em conta esses elementos, a presente pesquisa busca, em um ponto de vista mais amplo, retratar o desenvolvimento que a bibliografia sobre o tema da Missão Militar Francesa veio a consolidar a partir de uma perspectiva dos períodos anterior e posterior à efeméride do centenário da assinatura do contrato e início de sua execução. Nesse sentido, ainda que a historiografia tenha oscilado entre algumas análises mais profundas e outras mais laudatórias, o levantamento bibliográfico aqui apontado toca numa questão central: a avaliação da herança da MMF no Brasil e a crítica ao processo de consolidação de uma formação do oficialato nacional sob esse regime doutrinário francês.

De qualquer forma, o resultado do debate feito em revistas especializadas, teses e demais textos acadêmicos foi positivo, e isso se verá no presente texto mediante uma breve exposição que faremos aqui. Assim, após essa (1) introdução, falaremos a respeito dos (2) antecedentes que resultaram na vinda da MMF ao Brasil, ao fazermos referência à Guerra da Tríplice Aliança e aos conflitos internos no Brasil do início da República. Ato contínuo, serão apresentadas (3) as iniciativas inovadoras que foram anteriores à chegada da MMF, retratando a experiência dos “Jovens Turcos” e a atuação da Missão Indígena, para depois ser possível descrever (4) o impacto da Primeira Guerra Mundial no país, e o subsequente (5) contexto dos debates acerca de efetuar a contratação de missão militar estrangeira no país. Com esses fundamentos, comenta-se sobre (6) a atuação da MMF no contexto do período 1920-1930 e, por fim, (7) descreve-se o último ciclo da MMF, que ocorre na conjuntura dos anos 1930-1940, para logo depois (8) tecermos as considerações finais.

2 ANTECEDENTES QUE RESULTARAM NA VINDA DA MMF AO BRASIL

Uma série de eventos, tanto em nível interno quanto no âmbito da política internacional, trouxeram preocupações com as condições estruturais do Exército Brasileiro, que vinha de uma precarização histórica, para fazer frente aos desafios que se apresentariam desde a segunda metade do século XIX, desdobrando-se nas duas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, importa retomar alguns dados históricos, de onde faremos um apanhado geral sobre os cenários em que as Forças Armadas se fizeram presentes naquele período.

2.1 A GUERRA DO PARAGUAI

Após uma série de disputas geopolíticas no contexto meridional da América do Sul, em que estavam envolvidos o Império brasileiro, o Estado argentino (no caso, a Confederação Argentina e a Província de Buenos Aires) e o Estado uruguaio (a antiga Província Cisplatina), em particular em meados do século XIX (como a Guerra Oribe-Rosas), dá-se uma escalada como consequência dos eventos políticos⁴.

Na década posterior, começa a Guerra do Paraguai, que é retratada como consequência desses eventos que se deram, conforme aponta Boris Fausto⁵, a partir de novembro de 1864. Em virtude da tomada de Paysandu (Uruguai), o antigo laço entre uruguaios integrantes do Partido Blanco (Partido Nacional) e o Paraguai demanda uma resposta “guarani”. A Marinha

⁴ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2022. p. 115-118.

⁵ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*, cit. p. 118.

paraguaia usou isso como motivo para fazer a apreensão de um navio brasileiro que navegava no Rio Paraguai, o que acarretaria a ruptura das relações entre o Império brasileiro e o Estado paraguaio. Assim, ao final do mesmo ano, iniciaram-se as hostilidades.

O presidente paraguaio Francisco Solano López, por sua vez, determinou o início de uma campanha militar que resultou na invasão do território brasileiro, na região de Mato Grosso, sem esquecer as cargas sobre as fronteiras fluviais do Rio Grande do Sul. Um levantamento preliminar nos meses iniciais da Guerra, entre 1864 e 1865, quanto ao contingente brasileiro de soldados estima em dezoito mil o número de soldados escalados no conflito, acrescidos de oito mil argentinos e de mil uruguaios⁶, quando mobilizada e consolidada a Tríplice Aliança.

Por sua vez, pode-se dizer que o Paraguai já vinha se fortalecendo há bastante tempo⁷ e, por isso, contava com um contingente que poderia impressionar na época, de sessenta e quatro mil integrantes na ativa. As lutas ocorreram entre uma série de importantes batalhas, tanto fluviais quanto terrestres. Recorde-se que dita guerra terminou em março de 1870, com repercussões em toda a região.

A partir desse momento impactante na vida nacional, o Exército Brasileiro passa por um processo de consolidação enquanto instituição, cenário esse que foi fruto da transformação generalizada que estava ocorrendo principalmente na Europa, na temática da profissionalização dos exércitos. Com isso, seus principais integrantes passaram a ter uma nova mentalidade, que é oriunda de toda a experiência dos anos de guerra, e foram muitas as consequências internas perante esse conflito externo do período final do Império.

2.2 OS CONFLITOS INTERNOS NO PERÍODO REPUBLICANO, APÓS O INÍCIO DA DÉCADA DE 1890

Logo no início do período republicano, após a Proclamação da República, em 1889, três eventos marcam a política interna brasileira e ressaltaram as dificuldades em termos de organização e estruturação do Exército Brasileiro. As duas primeiras crises⁸ que resultaram em violência nesse período foram: a chamada “Revolução Federalista”, no Rio Grande do Sul, que ocorreu entre os anos de 1893 e 1895; e a “Revolta da Armada”, a qual durou de 1893 a 1894.

⁶ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*, cit. p. 119.

⁷ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*, cit. p. 119-121.

⁸ GUERRA, João Paulo Diniz. *100 anos da Missão Militar Francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2019. p. 23-24.

De acordo com Abreu, o ex-comandante da Marinha, Custódio de Melo, uma vez que desconfiava de Floriano Peixoto, insistiu na convocação de novas eleições para preencher o cargo vago de presidente devido à saída de Deodoro da Fonseca. Sendo assim, a não concordância com as atitudes políticas de Floriano, que visava permanecer no exercício da presidência, gerou uma grave crise institucional. Tal crise resultou na contraposição da Marinha a Floriano e ao Exército, que majoritariamente o apoiava⁹. Segundo Fausto, o momento de maior tensão ocorreu quando os revoltosos do Sul se reuniram brevemente com os insurgentes da Marinha¹⁰.

Alguns meses depois, outra situação conflituosa se estabeleceu no país, desta vez no Nordeste. A Guerra de Canudos, transcorrida entre os anos de 1896 e 1897, mais uma vez tornou públicas as deficiências do Exército Brasileiro no conflito¹¹. O confronto mesclou componentes políticos e religiosos, em que as ações de ambos os lados, tanto dos seguidores de Antônio Conselheiro quanto dos integrantes do Exército, valeram-se de extrema violência¹².

2.2.1 Conflito entre Estados na segunda década do século XX

Após os incidentes relatados anteriormente, ao longo dos anos seguintes o Brasil conheceu mais um conflito interno considerável. Mais uma vez, numa situação de crise política interna, acrescida de elementos sociais, religiosos e de conflitantes interesses econômicos, o Exército Brasileiro, assim como nos eventos anteriores, foi chamado a intervir.

2.2.2 A Guerra do Contestado

Nas palavras de Salomão, ao introduzir suas observações relativas às condições operacionais e às fragilidades do Exército Brasileiro em sua atuação na Guerra do Contestado – ocorrida entre os anos 1912 e 1916 –, tal evento também viria a contribuir para a ideia de necessárias reformas e para a vinda ao Brasil da Missão Militar Francesa (MMF)¹³.

⁹ ABREU, Guilherme Mattos de. A Revolta da Armada (1893). *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB)*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 112, p. 44, 2024.

¹⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 255-256.

¹¹ GUERRA, João Paulo Diniz. *100 anos da Missão Militar Francesa no Brasil...*, cit. p. 23-24.

¹² FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, cit. p. 257-258.

¹³ SALOMÃO, Eduardo Rizzati. O impacto da guerra do contestado no ideal reformador do Exército e na política brasileira. *Revista da ESG*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 67, p. 175, jan./abr. 2018.

3 INICIATIVAS INOVADORAS ANTERIORES À CHEGADA DA MMF

Nos anos iniciais da primeira década do século XX, muitas iniciativas buscaram modernizar o Exército. Duas delas tiveram maior destaque.

3.1 A EXPERIÊNCIA DOS “JOVENS TURCOS”

Logo nos primeiros anos, mais precisamente depois de 1905, alguns oficiais brasileiros foram enviados para estágios no Império alemão. Três grupos diferentes participaram de tais atividades¹⁴: o primeiro, enviado em 1906; o segundo, em 1908; e o terceiro, em 1910. Ao continuar sua explanação sobre esse grupo de oficiais, Pires informa que, ao retornarem ao Brasil, fundaram no ano de 1913 a prestigiosa revista *A Defesa Nacional*. Deve-se recordar que os conteúdos ali publicados continham detalhes técnicos, principalmente no que seria o mais adiantado em relação a equipamento e organização militar.

Essa equipe de oficiais, que fora influenciada pelo paradigma prussiano, tentava impulsionar reformas na estrutura do Exército, de onde passaram a divulgar princípios norteadores que o Exército deveria seguir a partir de então, para efeitos de se modernizar. É importante registrar que tanto a existência quanto a ação desses oficiais teriam repercussões nos anos seguintes¹⁵.

Nesse sentido, vale recordar o que se fala sobre a missão militar francesa no Brasil, quando o General de Exército Jonas de Moraes Corrêa Neto assevera:

Teve um ponto culminante no envio de jovens oficiais à Alemanha, para estagiarem no Exército do Kaiser, e haurirem conhecimentos modernos, que viriam depois transmitir aos colegas. Ao retornarem, engajaram-se num esforço devotado, quais pioneiros de uma causa nobre. Era um renascimento, e eles, os incansáveis, artífices. Por isso, foram alcunhados de ‘jovens turcos’, numa alusão ao grupo idealista e atuante de moços em quem se apoiara a decadente Turquia, para se soerguer ao patamar dos Estados contemporâneos (...)¹⁶.

Em síntese, pode-se afirmar que, desse modo, fica caracterizada a contribuição do grupo que foi reconhecido com o nome de “Jovens Turcos” nas iniciativas reformadoras do Exército Brasileiro.

3.2 A ATUAÇÃO DA MISSÃO INDÍGENA

¹⁴ PIRES, Carlos Frederico de Azevedo. *A contribuição da Missão Militar Francesa para a evolução militar do Exército brasileiro*. Monografia (Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado Maior do Exército, ECEME, 2017. p. 27-28.

¹⁵ PIRES, Carlos Frederico de Azevedo. *A contribuição da Missão Militar Francesa para a evolução militar do Exército brasileiro*. Monografia (Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado Maior do Exército, ECEME, 2017. p. 29-30.

¹⁶ CORREIA NETO, Jonas de Moraes. Prefácio. In: BASTOS FILHO, Jayme de Araujo. *A Missão Militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

Segundo Roesler, no mês de dezembro de 1918, o General Alberto Cardoso de Aguiar, então Ministro da Guerra, institui formalmente um grupo de instrutores que atuariam na Escola Militar do Realengo entre 1919 e 1922. Alguns deles foram “Jovens Turcos”, ou então influenciados por artigos e matérias divulgadas pela revista *A Defesa Nacional*. A ideia era de que esses novos professores viessem a propor uma formação mais genuinamente nacional. Justamente seria esse o período¹⁷ em que ocorre de forma concomitante a atuação da Missão Indígena.

Em sua obra, Malan destacou em relação à Missão Indígena:

Em 1918, às vésperas da conclusão da Primeira Guerra Mundial, e nos preparativos da recepção da Missão Militar Francesa, houve por bem o Governo brasileiro começar a preparar o elemento humano, visando da missão alienígena tirar o melhor proveito. Para tanto, o Estado-Maior do Exército resolveu selecionar por concurso os oficiais instrutores da Escola Militar, além de tomar, paralelamente, outras medidas de caráter administrativo. O primeiro grupo desses novos paladinos foi nomeado em dezembro de 1918, constando entre eles, interessante assinalar, alguns estagiários do Exército alemão. Era um produto autóctone, formado por oficiais selecionados, alguns motivados por ensinamentos germânicos, mas todos pioneiros e arautos da profunda modificação que viria sofrer o Exército Nacional¹⁸.

Tal citação reforça a constatação aqui já apontada da importância da atuação dos denominados “Jovens Turcos” nas tentativas de consolidar uma maior profissionalização do Exército Brasileiro neste período.

4 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Conforme se sabe, após a formação das alianças entre as principais potências europeias, um específico incidente – o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, que era o sucessor na hierarquia do Império Austro-Húngaro – desencadeou uma série de acontecimentos que levaram ao início da Primeira Guerra Mundial. Segundo Magnoli, ficou evidente a dificuldade que a Grã-Bretanha e a França tiveram para confrontar o Império Alemão. Na verdade, o decisivo seria a entrada dos Estados Unidos da América no conflito, ao lado dos países contrários à aliança entre a Alemanha (derrotada) e o Império Austro-Húngaro.

Por sua vez, a Rússia imperial czarista estava desmoronando num conflito interno, enquanto importantes impérios, como o austro-húngaro e o turco, desapareceram por fim. Como resultado do conflito, uma série de conferências diplomáticas vieram a ocorrer

¹⁷ ROESLER, Rafael. A Missão Indígena e sua atuação na Escola Militar do Realengo (1919-1922). In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 04-06.

¹⁸ MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018. p. 40.

posteriormente, bem como os consequentes tratados, que viriam a disciplinar as alterações geopolíticas resultantes do final da guerra¹⁹.

Na lição de Carvalho, a eclosão da Primeira Guerra Mundial trouxe repercussões internas e externas para o Estado brasileiro. De imediato, o então Presidente, Hermes da Fonseca, declarou a neutralidade do país. Os eventos que se sucederam a partir de 1914 afetaram o Brasil, gerando reverberações na nossa política interna e externa²⁰. Na sequência, a partir de 1º de junho de 1917, o Brasil abandona a neutralidade, evoluindo para o estado de guerra neste ano²¹. Por sua vez, na versão apresentada por Ricupero, a posição do Brasil dentro da Primeira Guerra Mundial foi se modificando ao longo do conflito. Assim, inicialmente, esse autor também recorda que o governo brasileiro, em 1914, declarava-se neutro. Posteriormente, com o afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, o país declarou guerra ao Império alemão. Contudo, o Brasil, por falta de maiores capacidades militares e econômicas para envolver-se de forma mais consistente no conflito, teve sua participação de forma bastante modesta ao lado dos países democráticos.

Um componente da participação no esforço de guerra aliado foi o envio da Missão Médica Militar brasileira ao território francês. Segundo Brum, inicialmente a Missão foi recebida com certo desdém, pois se tratava de missão oriunda de um país periférico não europeu²².

A referida missão ficou subordinada ao Comando Militar francês. À época, a gripe espanhola já se espalhava pela França, e a atuação da Missão acabou sendo afetada por essa circunstância. A Missão Médica brasileira atuou em diferentes cidades da França²³. Tal participação, mesmo que diminuta, propiciou ao país algum prestígio diplomático no pós-guerra²⁴.

5 OS DEBATES ACERCA DA CONTRATAÇÃO DE UMA MISSÃO MILITAR ESTRANGEIRA

Como assinala Malan, desde os primeiros anos do século XX, instalou-se um grande debate sobre a necessidade ou não da contratação de uma missão militar estrangeira para impulsionar a modernização do Exército brasileiro, naquele momento bastante precarizado.

¹⁹ MAGNOLI, Demétrio. *Relações internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 79-81.

²⁰ CARVALHO, Carlos Delgado de. *História diplomática do Brasil*. Brasília: Senado Federal / Conselho Editorial, 2016. p. 449-453.

²¹ CARVALHO, Carlos Delgado de. *História diplomática do Brasil*, cit. p. 454-455.

²² BRUM, Cristiano Enrique de. *Médicos brasileiros na Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021. p. 88-89.

²³ BRUM, Cristiano Enrique de. *Médicos brasileiros na Grande Guerra*, cit. p. 90-91.

²⁴ RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017. p. 306-313.

Os debates do ponto de vista militar giravam em torno de duas Escolas diferentes, a germânica e a francesa. Entre os que defendiam a contratação de uma missão alemã estava o Barão do Rio Branco, que pouco antes representara diplomaticamente o Brasil junto ao Império Alemão. Assim, entre os defensores da Escola Alemã, também se destacavam Hermes da Fonseca e os fundadores da revista *A Defesa Nacional*²⁵.

No que diz respeito à defesa da contratação de uma missão militar junto à França, pesaram alguns argumentos e fatos. Entre eles uma antiga e estreita ligação cultural e de cooperação entre o Brasil e a França. Pesou também o fato de que esses dois países foram aliados durante a Primeira Guerra Mundial. Tanto o adido militar junto à embaixada da França no Brasil quanto o adido militar brasileiro em Paris, o Major Alfredo Malan d'Angrogne, eram favoráveis à vinda de uma missão francesa para a instrução do Exército no Brasil²⁶.

Em relação ao debate institucional que se instalou no âmbito parlamentar do Congresso Nacional daquela época, poderíamos ressaltar o importante livro publicado a respeito do tema, por Bastos Filho, que, em acurada pesquisa junto aos anais da Câmara dos Deputados, conseguiu capturar a intensidade e a profundidade das discussões ligadas à constitucionalidade, legalidade, interesse da administração pública e demais eventuais óbices que pudessem obstaculizar a contratação de uma missão militar estrangeira para instruir e profissionalizar o exército brasileiro. Destaca o autor:

A presença de uma missão militar de grande porte, integrando-se por anos no Exército, nele influenciando e transformando-o, conhecendo em detalhes suas deficiências e condições de emprego em nosso território, compreende-se, pela gravidade importância de tal decisão, impunha autorização do Parlamento. Nele, foi levantada a questão: nossa Constituição autorizava, nas condições pretendidas, a presença de estrangeiros no exército?²⁷

Com a decisão de que a contratação preenchia os requisitos constitucionais e legais, logo em seguida o contrato para o envio da missão acaba por ser assinado em setembro de 1919; a partir de 1920, começaram as atividades em território brasileiro.

6 A ATUAÇÃO DA MMF NO CONTEXTO DO PERÍODO 1920-1930

Interessante salientar, segundo Lemos²⁸, a importância da figura de João Pandiá Calógeras, um civil que exerceu o cargo de Ministro da Guerra entre os dias 3 de outubro de

²⁵ MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018. p. 64-67.

²⁶ MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*, cit. p. 67-71.

²⁷ BASTOS FILHO, Jayme de Araujo. *A Missão Militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994. p. 03-04.

²⁸ LEMOS, Juvêncio Saldanha. *A modernização do Exército brasileiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2023. p. 61.

1919²⁹ e 15 de novembro de 1922, quando se encerrou o período de governo do Presidente Epitácio Pessoa³⁰.

Calógeras assumiu o Ministério da Guerra logo após a assinatura do contrato para a vinda da Missão Militar Francesa ao Brasil e seguiu à frente do Ministério em um momento de transição entre a contratação da Missão, o início das suas atividades, em 1920, e os graves incidentes político-militares dos anos 1921-1922³¹.

Ainda de acordo com a lição de Lemos, Calógeras detinha uma sólida formação intelectual. Além disso, antes de ocupar a titularidade do Ministério da Guerra, já havia se destacado tanto nas atividades da política quanto nas da administração pública e da diplomacia. Assim, atuando como um importante assessor do então Senador Epitácio Pessoa, nesse momento chefiando a delegação brasileira junto à Conferência de Paz de Paris, conquistou a confiança do parlamentar. Assim, estando ainda em Paris, Epitácio Pessoa, que havia sido eleito o novo Presidente do Brasil, mesmo à distância, designou Calógeras como seu Ministro da Guerra³².

Recorde-se que a primeira Constituição republicana brasileira, de 1891, introduziu o sistema presidencialista de governo³³. Em sua condição de Presidente da República, de acordo com os poderes e as atribuições conferidos pela Constituição, Epitácio Pessoa sustentou a indicação e a nomeação de João Pandiá Calógeras para o Ministério de Guerra, em que pese a contrariedade de vários generais do Exército e almirantes da Armada³⁴.

O Presidente Epitácio Pessoa advogava que, nas principais democracias liberais, o encarregado de tratar dos assuntos militares e de defesa deveria ser um civil. Entre outros motivos, pregava isso com o intuito de afastar os militares de qualquer tipo de envolvimento em assuntos políticos³⁵.

Pode-se dizer que Calógeras foi um inovador durante sua passagem no Ministério da Guerra, uma vez que se caracterizou como um personagem que contribuiu de forma decisiva para a modernização do Exército brasileiro naquele momento histórico. Por sua experiência como parlamentar e tendo conhecimento de assuntos orçamentários, conseguiu, quando no

²⁹ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 66.

³⁰ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 72.

³¹ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 71.

³² LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 61-66.

³³ SILVA, Alexandre Soares da. *História diplomática brasileira: a tradição, o legado, Rio Branco e a definição das fronteiras*. São Paulo: Editora Dialética, 2023. p. 179.

³⁴ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 61.

³⁵ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 62.

exercício do cargo de Ministro da Guerra, reclamar e alocar maiores recursos para o Exército³⁶.

Também foi marcante, em seu curto período no exercício do Ministério da Guerra, a construção de inúmeros quartéis e instalações militares em vários pontos do território nacional, visando proporcionar condições mais dignas para os militares. As novas estruturas possibilitaram um melhor desempenho no âmbito das atividades militares³⁷.

Além disso, Lemos destaca uma sequência de bem-sucedidas realizações e inovações que começaram a registrar a importância do início dos trabalhos da Missão Militar Francesa a partir de março de 1920 no Brasil. Foram várias iniciativas que visavam instruir os militares brasileiros na área doutrinária e na técnica militar, como, por exemplo, conforme já previa o contrato da MMF no Brasil, as áreas de formação de oficiais, Intendência e Veterinária. Ressalte-se igualmente a destacada atuação do primeiro chefe da MMF, o General Maurice Gamelin, que chegando ao Brasil no ano anterior ao início do contrato, ainda em fevereiro de 1919, e teve um papel fundamental na materialização da profissionalização e modernização do Exército brasileiro³⁸.

Retomando, no que tange ao início das atividades da Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército, recordamos que ocorre em concreto a partir de março de 1920, sob o comando do General Gamelin. A respeito do início de suas atividades, devido às dificuldades encontradas no Brasil, pode-se rememorar o que ocorria com Gamelin, a partir do relatório deste para envio à França:

No relatório em que prestou contas ao governo francês dos seus cinco anos de trabalho no Brasil, Gamelin destacou a hostilidade que teria sofrido de altas patentes do Exército brasileiro. A incompatibilidade referida não derivava apenas da aglutinação, em torno de Bento Ribeiro, de oficiais que Gamelin fazia questão de apresentar como ‘claramente germanófilos’, mas sobretudo do fato de o francês não admitir reduções de sua autoridade e das tentativas de Ribeiro de evitar a estrita dependência aos fabricantes franceses. Em que pese a sua admiração ao Exército alemão, Bento Ribeiro não era um ‘germanófilo’ e, em virtude particularmente de seu empenho, o Congresso Nacional autorizara em 1917 a contratação da MMF.

A animosidade de Gamelin era alimentada pela determinação de Bento Ribeiro de reservar, para oficiais brasileiros, a orientação de determinadas iniciativas³⁹.

³⁶ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 68.

³⁷ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 69-70.

³⁸ LEMOS, J. S. *A modernização...*, cit. p. 81-101, passim.

³⁹ DOMINGOS NETO, Manuel. Gamelin, o modernizador do Exército. *Tensões mundiais*, Fortaleza, vol. 3, n. 4, p. 241-242, jan.-jun. 2007. Diga-se de passagem, a respeito de Bento Ribeiro, deve-se recordar que se tratava de quem exercia a Chefia do Estado-Maior do Exército à época, quando da atuação do General Gamelin à frente da MMF no Brasil.

Nesta mesma linha de pensamento, Bellintani⁴⁰ descreve as dificuldades que o general Gamelin teve em sua estada à frente da MMF, no início do governo de Arthur Bernardes. Eram muitas as contrariedades, como, por exemplo, quando alguns militares muitas vezes, sendo mais favoráveis à mentalidade germânica, ofereciam uma resistência aos planos inovadores e de notória urgência que visavam superar as graves deficiências estruturais do Exército brasileiro naquele momento do início da década de 1920.

Pode-se asseverar que as maiores preocupações dos instrutores franceses passavam pela introdução de novos regulamentos e pela disciplina e ênfase nas ciências militares. A prioridade era focar na formulação de uma nova doutrina para a defesa nacional e também na profissionalização do Exército, no sentido de obtenção de capacidades técnicas para pôr em prática tais planos. Logo de início, além dos diagnósticos acerca da situação estrutural do Exército, foram desenvolvidos novos planos de defesa do território nacional⁴¹.

No que diz respeito à conjuntura interna, a MMF conviveu com uma série de crises políticas envolvendo militares ao longo da década de 1920. Entre eles, segundo Fausto⁴², estava o surgimento do movimento tenentista, em 1922. No mesmo sentido, destaca Bellintani um momento de agitação política vivenciado pela MMF no ano de 1922, por causa da erupção do movimento tenentista no Brasil⁴³. Em âmbito internacional, a ascensão de Benito Mussolini na Itália, também em 1922, geraria futuras consequências tanto na Europa quanto no Brasil.

7 O ÚLTIMO CICLO DA MMF NA CONJUNTURA DOS ANOS 1930-1940

Em relação ao período de 1930-1940, justamente o período final da existência da MMF no Brasil, Bellintani aponta para vários momentos em que, direta ou indiretamente, houve uma interferência no processo de modernização do Exército, bem como na atuação da MMF no país⁴⁴.

⁴⁰ BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. 2009. vol. 1. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. p. 276-282.

⁴¹ BELLINTANI, Adriana. *A Missão Militar Francesa no Brasil (MMF) e a profissionalização do Exército Brasileiro (1920-1940)*. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UFF. [s.l., s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GM91/pxLoVa>. Acesso em: 10 out. 2025.

⁴² FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2022. p. 172.

⁴³ BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. 2009. vol. 1. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. p. 276.

⁴⁴ BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército brasileiro e a Missão Militar Francesa*, cit. vol. 1, p. 372 et seq.

É importante recordar que a década de 1930 foi marcada por uma série de eventos políticos e militares, tanto internos quanto externos, que atingiram diretamente a França, o Brasil e a atuação da Missão Militar Francesa em solo brasileiro. A Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932 e o golpe do Estado Novo foram os principais eventos que implicaram uma marcante participação dos militares brasileiros no campo político. Por outro lado, pode-se apontar que, em geral e de acordo com a sua doutrina e postura profissional, os militares franceses mantiveram-se neutros em relação a tais eventos. Também é digno de nota que na década de 1930 os militares franceses deixaram a cargo de seus antigos alunos a instrução dos novos oficiais, ocupando-se, assim, mais com as questões práticas do adestramento militar⁴⁵.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível constatar, antes mesmo da queda da monarquia no Brasil, os problemas estruturais, organizacionais e doutrinários já se manifestavam no interior do Exército brasileiro. Mesmo com a vitória na também chamada Guerra da Tríplice Aliança, muitas deficiências já haviam sido constatadas ao longo do conflito e foram posteriormente analisadas com o encerramento da referida guerra.

Na passagem da forma de governo monárquica para o modelo republicano, os militares brasileiros passaram a ter uma significativa participação na vida política do país, tomando partido em determinadas ocasiões, contribuindo inclusive para o agravamento das várias crises institucionais que o país vivenciou ao longo da sua história republicana. Na transição entre o final do século XIX e o início do século XX, mais notadamente, em seus primeiros anos, surgiram várias iniciativas para reformar as bases organizacionais do Exército Brasileiro. Assim, conscientes dos enormes problemas e desafios que a força enfrentava, muitos civis e militares entenderam que a contratação de uma missão militar estrangeira poderia trazer bons resultados e novos ensinamentos.

Após uma série de intensos debates e de condicionantes internos e externos, finalmente, em 1919, uma missão militar foi contratada. No caso, oriunda da França, uma das potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial. Ao longo de duas décadas, apesar das dificuldades, contradições e resistências sofridas, a Missão Militar Francesa deixou um legado extremamente rico e virtuoso quando captado em sua essência, que ajudou de forma

⁴⁵ BELLINTANI, Adriana Iop. *A Missão Militar Francesa no Brasil (MMF) e a profissionalização do Exército Brasileiro (1920-1940)*. cit.

considerável a profissionalização do Exército brasileiro. O aumento do número de pesquisas e publicações sobre a Missão reforça e valoriza esse legado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Guilherme Mattos de. A Revolta da Armada (1893). *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB)*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 112, 2024.

BASTOS FILHO, Jayme de Araujo. *A Missão Militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

BELLINTANI, Adriana Iop. *A Missão Militar Francesa no Brasil (MMF) e a profissionalização do Exército Brasileiro (1920-1940)*. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UFF. [S.l., s.d.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gM4lpxLa0VA>>. Acesso em 10 out. 2025.

BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. 2009. 2 vol. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BRUM, Cristiano Enrique de. *Médicos brasileiros na Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História diplomática do Brasil*. Brasília: Senado Federal / Conselho Editorial, 2016.

DOMINGOS NETO, Manuel. Gamelin, o modernizador do Exército. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 3, n. 4, p. 219-256, jan.-jun. 2007.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2022.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GUERRA, João Paulo Diniz. *100 anos da Missão Militar Francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2019.

MAGNOLI, Demétrio. *Relações internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2004.

MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018.

PIRES, Carlos Frederico de Azevedo. *A contribuição da Missão Militar Francesa para a evolução militar do Exército brasileiro*. Monografia (Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado Maior do Exército, ECEME, 2017.

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

ROESLER, Rafael. A Missão Indígena e sua atuação na Escola Militar do Realengo (1919-1922). In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: ANPUH, 2015 p. 04-06.

SALOMÃO, Eduardo Rizzati. O impacto da guerra do contestado no ideal reformador do Exército e na política brasileira. *Revista da ESG*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 67, jan./abr. 2018.

SILVA, Alexandre Soares da. *História diplomática brasileira: a tradição, o legado*, Rio Branco e a definição das fronteiras. São Paulo: Editora Dialética, 2023.